



REDE
TEMPO
BRASIL



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

Capitalismo Parasitário: Bauman como leitor do contemporâneo

Alarcon Agra do Ó^I

Resumo: O artigo explora a noção de capitalismo parasitário, tal como proposta pelo sociólogo Zygmunt Bauman (1925-2017). Aquela noção, colocada em cena para pensar o capitalismo em meio à crise de 2008, destaca a exploração predatória e incessante de tudo quanto se coloque na presença do capital, o qual se caracteriza por uma voracidade incontável.

Palavras-Chave: Capitalismo Parasitário; Crise de 2008; Acumulação do Capital.

Capitalismo parasitario - Bauman como lector de lo contemporâneo

Resumen: El artículo explora la noción de capitalismo parasitário, propuesta por el sociólogo Zygmunt Bauman (1925-2017). Esa noción, puesta em escena para pensar el capitalismo em plena crisis de 2008, pone em evidencia la explotación depredadora e incessante de todo lo que se pone em presencia del capital, que se caracteriza por una voracidad incontable.

Palabras Clave: Capitalismo Parasitario; Crisis de 2008; Acumulación de Capital

Ó, A. A.

Introdução

O objetivo deste artigo é o de destacar a noção de capitalismo parasitário, tal como proposta pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1925-2017).

A escrita deste texto foi realizada a partir da docência na disciplina de História Contemporânea de uma Graduação em História, em meio à qual, nos últimos vinte e quatro anos, tenho explorado produções variadas do campo ampliado das ciências sociais e humanas, dedicadas a uma compreensão crítica do presente.^{II}

Bauman, é sabido, construiu uma ampla e variada obra, amplamente publicada, inclusive, no Brasil. Dialogando com tradições críticas como a Escola de Frankfurt, o marxismo ocidental e a psicanálise, ele propôs uma interpretação até certo ponto singular do contemporâneo. Uma das dimensões do seu pensamento consistiu na apreciação crítica da hipervalorização do mercado como elemento estruturante das sociabilidades e das sensibilidades.

Ao seu ver, perdemos algo substancial na experiência humana na medida em que o capitalismo se transformou, ao longo da segunda metade do século XX e do começo do século XXI, numa maquinaria cada vez mais financeirizada e poderosa. Tais transformações teriam acentuado o caráter desumanizador do capitalismo, cada vez mais insensível às demandas dos indivíduos, cada vez mais focado na acumulação de capital por poucos privilegiados. Como já lembrou Maria Elisa Cevalco, o mundo contemporâneo se define pelo acoplamento entre o capital financeiro e a sociedade de consumo, restando daí um instante histórico em que mergulhamos na “hegemonia global do capital, o mercado mundial [estando] acompanhado de concentração acentuada de renda”, num contexto de “mercantilização avassaladora”.^{III}

Caberia ao pensamento social e, em especial à sociologia, apreciar criticamente esses movimentos, tornando-os visíveis e inteligíveis (na perspectiva de sua crítica) para cada vez mais sujeitos sociais, os quais poderiam, a partir daí, tomar decisões individuais e coletivas comprometidas com a recusa a um estado das coisas tão adverso à vida humana.^{IV}

Creio ser importante destacar, ainda que apenas rapidamente, que Bauman é um pensador de interesse ao pensamento social não apenas pela qualidade intrínseca da sua obra, mas, também, pelo fato de que ele ocupou um lugar de destaque na cena pública, em especial nas últimas décadas de vida (o que vem sendo mantido pelos seus leitores mais fiéis). Ainda que nunca tenha abandonado o papel de intelectual acadêmico, com inserção universitária definida e respeito aos protocolos institucionais que todos conhecemos, ele alcançou o que pode ser considerado como um notável sucesso midiático.

Os seus livros, lançados em quantidade, foram construídos de forma a que análises densas, voltadas para problemas complexos, acabam por ser apresentadas de forma legível para públicos ampliados. Também lhe era comum dar palestras e conceder entrevistas - o que, com as facilidades de difusão do audiovisual que oferecem as plataformas online de compartilhamento de conteúdo, tem feito com que mais e mais pessoas conheçam a obra de Bauman, muito para além do público estritamente acadêmico.

Creio que cabe destacar que esse movimento contribui com a qualificação do debate público. Pablo Gentili, entre outros, chamou a atenção para o quanto a produção acadêmica, quando pretensamente fria e entremeada por “labirintos retóricos formais” apenas “empobrece a crítica teórica”, sendo então uma “má teoria”. A escrita acadêmica, assim, expressando “nossas preocupações teóricas em crípticas linguagens esotéricas e inexpugnáveis”, nos afasta da população em geral, que se vê desprovida de instrumentos que poderiam lhes ser úteis para a adequada compreensão do real e, talvez, para a sua transformação.^V

Ó, A. A.

No entanto, mais do que simplesmente divulgar o seu pensamento, Bauman expressava com insistência o seu compromisso com a ideia de que tamanha circulação midiática e a escrita de livros endereçados a segmentos maiores que os puramente universitários tinham por objetivo propiciar a grandes públicos o contato com a explicação sociológica. Nisso ele aliava as suas elaborações conceituais a uma prática intelectual correspondente. Bauman projetava para si o papel de crítico do mundo contemporâneo e de colaborador na construção de alternativas civilizatórias para os tempos atuais e futuros. Ao seu ver, a difusão do pensamento científico numa esfera pública, pensada de forma mais abrangente, contribuiria para o aprofundamento e, mesmo, a qualificação da experiência democrática.

Em um dos seus mais breves livros, intitulado “Capitalismo Parasitário”, Bauman se propôs a explorar a ideia presente no título da obra, num movimento que é comum na sua produção, qual seja, o de colocar em circulação e em problematização imagens conceituais não apenas de forte apelo imagético, mas, além disso, suscetíveis de permitir análises eficientes dos objetos ali pensados.^{VI}

Explorando temas e situações já referidos em outros livros, em “Capitalismo Parasitário” Bauman se reporta a algo que para ele é uma dimensão importante e danosa do capitalismo contemporâneo, a qual, na sua forma e nos seus efeitos, empobrece a vida e as relações humanas, devendo, portanto, ser criticada. Tal dimensão, para dizê-la de forma rápida, consiste na exploração predatória e incessante de tudo quanto se coloque na presença do capital, o qual se caracteriza por uma voracidade incontrolável.

O que penso fazer a seguir é praticar uma breve leitura reflexiva sobre o texto de Bauman, acionando não apenas a minha própria compreensão acerca do movimento do seu pensar, mas, ocasionalmente e de forma não exaustiva, textos outros que, de alguma forma, dialogam com preocupações mencionadas em “Capitalismo Parasitário”.^{VII}

O livro “Capitalismo Parasitário e outros temas contemporâneos” tem cinco pequenos capítulos, o primeiro dos quais tem por título a expressão forte que está presente no nome mesmo do volume. Os demais capítulos desdobram a análise ali proposta, isso se dando em torno da reflexão sobre temas sobre os quais Bauman entende de praticar um olhar informado pela noção de capitalismo parasitário, colocada em cena nas primeiras páginas do livro. Considerando os limites que me impus para o meu próprio texto, vou explorar nas páginas a seguir apenas o referido primeiro capítulo do livro.^{VIII}

A crise (recente) do capitalismo

O texto de Bauman que leio aqui data de 2009 - ou seja, foi composto em meio à grande e grave crise do capitalismo que inaugurou o século XXI, considerada por Manuel Castells como “a mais séria crise financeira desde a Grande Depressão dos anos 1930”.^{IX} Crise, aliás, descrita por Bauman como um “tsunami financeiro” que afetou a vida de “milhões de indivíduos”. Tais vítimas, naquela ocasião, e de forma dura e brutal, teriam aprendido “que o capitalismo se destaca por criar problemas, e não por solucioná-los”.^X

Bauman se reporta a um cenário em que graves descabros econômicos revelaram a forma e a fragilidade dos “alicerces culturais e políticos das práticas de produção, consumo e intercâmbio de bens e serviços” no contemporâneo.^{XI} Tratou-se de um momento em que as formas pelas quais aquelas práticas eram instituídas e experienciadas se esgarçaram - levando empresas, investidores e famílias à falência, fazendo rear os investimentos, fragilizando os sistemas de proteção social., ampliando o desemprego e, em suma, destruindo planos, projetos e sonhos.

Ó, A. A.

O receituário capitalista para tais momentos tem se mostrado repetitivo: ele consiste em obrigar o Estado a investir em setores mais vulneráveis ou mais estratégicos (socializando as perdas enquanto faz de todos avalistas da acumulação de capital) e convencer as pessoas *comuns* a uma reinvenção de seus hábitos.

Em 2008, por exemplo, quando a AIG, “megacompanhia que fornecia seguros para a maioria dos bancos do mundo, viu-se incapaz de honrar suas obrigações, entrando assim em falência”, foi socorrida pelo governo dos EUA, que comprou 80% das suas ações, evitando o seu colapso. O gesto do governo estadunidense desnudou “o mito da capacidade autorregulatória dos mercados financeiros”, o dinheiro dos contribuintes sendo largamente utilizado para sanear empresas privadas que quebraram por mergulhar sem lastro (até porque o lastro seria impossível na dinâmica artificial da financeirização do capital, em curso) nas espirais especulativas.^{XII}

Naquele momento, os mercados, como nunca antes, se definiam como fluxos globalizados de capitais, bens e serviços, numa cena desprovida de atores reconhecíveis por eles mesmos como entes dotados de protagonismo capaz de definir rumos sociais amplos. Além disso, os governos estavam fragilizados pela sua dependência (construída em meio a décadas de acolhimento dos receituários neoliberais) ao volátil capital financeiro - enquanto o próprio Estado, em muitos países, sofria com o (des)encontro entre uma política cada vez mais burocratizada e partidos políticos cada vez mais submissos a uma naturalização do mercado como única racionalidade do mundo.

Em seguida àquele momento, por outro lado, os Estados se viram aprisionados na narrativa da austeridade, ou seja, da retração brutal do seu compromisso com investimentos públicos ou com a manutenção de estratégias públicas de proteção social, o que agravou imensamente a crise no que dizia respeito às economias nacionais e à vida das populações, principalmente dos seus segmentos mais vulnerabilizados.^{XIII} Cresceu, portanto, a crise de legitimidade de muitos regimes e governos, o que criou condições para o crescimento de uma extrema direita autoritária e populista ao redor do mundo.^{XIV}

É comum, em tais circunstâncias, a manifestação de narrativas críticas ao sistema, às suas fragilidades e às limitações das respostas pensadas para as eventuais crises; em 2008 isso teve uma peculiaridade que não deve ser negligenciada. A crise do capitalismo que se iniciou em 2008 tem sido objeto, assim, de muitos questionamentos no âmbito dos movimentos sociais (o que não abordo neste artigo, sendo objeto de atenção em outro texto, no momento em preparação) e de muitas análises mais formais, compostas como estudos e análises acadêmicas, institucionais ou jornalísticas.

Em suas grandes linhas, as tentativas de interpretação de tais eventos se preocupam em tornar inteligível a quebra de expectativas e de mercados então havida, bem como os desdobramentos trágicos de tudo aquilo. Mais ou menos condescendentes em relação ao próprio capitalismo, circulam no contemporâneo produções as mais diversas (livros, artigos, filmes, peças de teatro, obras literárias etc.) que transitam entre o diagnóstico, o prognóstico e a terapêutica.

Uma das dimensões recorrentes nessa produção consiste na indicação de que os antigos e tradicionais embaralhamentos entre economia e ética podem ser de algum modo retomados. Há uma demanda por narrativas que expliquem a crise e tragam, se não algum conforto subjetivo para os sujeitos sociais, ao menos uma ambiência intelectual e sensível que lembre a todos o quanto e em que medida a dinâmica social é o resultado de ações dos próprios sujeitos sociais. Com isso, espera-se que certa autoconsciência torne possível o empoderamento necessário para que os problemas sejam enfrentados e as soluções sejam pensadas e concretizadas.

Ó, A. A.

Como indicou Manuel Castells, um dos autores empenhados na tentativa de entender e de explicar o que teria havido naquele começo de século, a crise de 2008 trouxe consigo danos humanos cuja visibilidade levou “ao questionamento do capitalismo irrestrito como algo incontrollável”. Por todo o mundo, concorrendo com as narrativas neoliberais e defensoras da austeridade como solução para todos os problemas do mundo, emergiram “práticas econômicas” que buscam encarnar “valores alternativos”, entre os quais: “o valor da vida acima do valor do dinheiro; a efetividade da cooperação acima da competição implacável; a responsabilidade social das empresas e a regulação responsável por parte dos governos acima das estratégias financeiras de curto prazo, impulsionadas pela cobiça e não pelo lucro a longo prazo”.^{XV}

O livro de Bauman a que me refiro aqui é uma das tentativas de pensar criticamente o capitalismo, suas crises e (nossas) perspectivas.

O capitalismo parasitário

Como já indicou David Harvey, o esforço empreendido pelas ciências humanas e sociais e, em especial, por Marx (e pelo marxismo) na busca de uma compreensão do capitalismo tem circulado em torno de uma questão essencial, dividida em duas partes inseparáveis: como ele funciona (quais as suas “leis”) e como ele afeta a vida das pessoas. Assim, a compreensão crítica do capitalismo demanda atentar para as dimensões infraestruturais da experiência e, articuladas a elas, às transformações que ocorrem na dinâmica das sensibilidades, das subjetividades e das sociabilidades.^{XVI}

Trata-se de um esforço que é acompanhado, sabemos, pela proliferação de versões edulcoradas da história, que nos querem impingir a ideia de que a desigualdade e a exploração que atravessam e definem o capitalismo são percalços, problemas eventuais – ou, no máximo, o resultado de ações equivocadas dos sujeitos sociais. São comuns também as indicações de que a crítica radical ao status quo não demanda a preocupação com dimensões culturais da vida em sociedade, o que consiste em um equívoco, na medida em que empobrece a análise e reduz a percepção da grave desumanização implicada no capitalismo.

Bauman, como percebemos sem dificuldade com a leitura dos seus textos, navega nessas águas partilhando do desejo de entender o real, mas tomando distância dos relatos que douram as crises e os impasses que, ao seu ver, definem aquele real.

O capitalismo, no texto de Bauman que busco explorar aqui, é um personagem (ou uma experiência) que se cerca por uma aura pouco amistosa. Para o autor, o capitalismo, enfim, se define como algo que não se mostra como coerente e completo ao mesmo tempo. Em outras palavras, se ele é coerente, é incapaz de dar conta dos seus próprios problemas; se ele entende de enfrentar tais problemas, não o fará a não ser enfrentando os seus princípios mais caros. Esta é uma das ferramentas pelas quais Bauman executa a sua crítica do contemporâneo: vivemos sob o signo de um poder amplo e, ao mesmo tempo, incoerente em si mesmo.

Esta característica, que pode parecer uma fragilidade do sistema, é pensada por Bauman como uma dimensão do real que, tanto quando está em seus melhores dias, ou, ao contrário, quando seu tempo é de crise e instabilidade, produz um passivo que é invariavelmente cobrado nas contas e nas costas dos mais pobres. Em outras palavras, segundo o ponto de vista de Bauman, se o capitalismo se apresenta como forte e vigoroso, seus benefícios são para poucos; se, ao contrário, ele se mostra frágil, os mais fracos deverão se sacrificar muito além de suas capacidades para sustentar o mundo que lhe cai de súbito sobre os ombros.

É como se uma incoerência de base (indicada pouco acima na sua forma mais banal) fosse anulada por uma racionalidade que quase se poderia dizer essencial; um sistema ambíguo

Ó, A. A.

em si mesmo encontra um ponto de apoio e de equilíbrio na certeza de que não faltarão populações inteiras para serem sacrificadas no altar do deus da acumulação permanente e voraz do capital.

Para dar concretude à sua análise, Bauman, como dizia, foca os seus instrumentos conceituais e reflexivos no exame da crise de 2008.^{XVII} Trata-se de um movimento que consiste em articular, no movimento do seu pensar, as dimensões da estratégia e das da tática: questões pontuais são pensadas em si mesmas e na sua relação com contextos mais amplos, numa perspectiva que é sociológica mas é, também, histórica.^{XVIII}

Ora, aquela crise, de acordo com a memória que vem sendo construída e posta em circulação, não teve precedentes no seu tamanho, na sua intensidade e nos seus efeitos (ainda que alguém consiga descrevê-la como apenas alguns contratempos...).^{XIX} Para entendê-la, um caminho eficiente parece ser, em primeiro lugar, lembrar que, nos anos 1970, o sistema bancário norte-americano criou títulos hipotecários que seriam logo, assegurados por empréstimos de alto risco, numa ciranda que se mostraria catastrófica em pouco tempo. Dívidas sustentavam dívidas, num conjunto de transações sem o menor lastro.

A economia quebrou na medida em que investimentos que se sustentavam uns nos outros ruíram. Alguns investidores e alguns fundos, capazes de acompanhar tendências de longo prazo, conseguiram sobreviver e, em alguns casos, até obtiveram lucros notáveis. A maior parte dos envolvidos, no entanto, faliu. Milhões de pessoas perderam tudo: suas reservas, suas casas, seus sonhos.

Para dar concretude a sua apreciação crítica quanto a tais eventos, Bauman se vale de um exemplo: ele lembra que o capitalismo criou as hipotecas subprime e as vendeu “à opinião pública como forma de solucionar o problema dos sem-teto”, personagens abundantes na cena social contemporânea. No entanto, o resultado foi o oposto, uma vez que aquela maquinaria financeira acabou “multiplicando as pessoas sem casa”. Ele realiza este caminho na medida em que a crise atingiu de forma mais intensa os investimentos imobiliários, considerados no início do século XXI como os mais promissores.

Isso, que parece ser um limite intransponível, é, no dizer de Rosa Luxemburgo, uma face essencial do capitalismo, uma lógica de acumulação do capital que depende da permanente subordinação de economias periféricas em relação às economias centrais. Uma lógica, enfim, perversa na curta e na longa duração, já que ela se organiza de forma a que o avanço do capitalismo (algo que ele busca de forma incessante) só é obtido com a conquista e com a exploração de experiências sociais ainda intocadas por ele. O problema é que, tão logo essa expansão se realiza, as terras recém-dominadas são exploradas à exaustão e, assim, o sistema vê esgotada a sua fonte de acumulação, precisando imediatamente expandir-se em outra direção. Isso se dando, Bauman não nos deixa esquecer, num planeta que é finito.^{XX}

A consequência disso, diz Bauman, é que não há outra forma de se nomear o capitalismo a não ser como “parasitário”. Afinal, ele é um sistema de exploração e de produção de riqueza que se sustenta pela exploração alheia, o ente explorado sendo progressivamente devastado e destruído. O capitalismo destrói o que toca, na medida em que o seu contato é uma prática de extração do vigor do outro.

Pratica-se, no mundo sonhado e criado pelo capitalismo, uma utopia às avessas, um simulacro de vida, uma sucessão de mortes antecipadas. Como o próprio Bauman analisa em outros livros, a única atenção que o capitalismo empresta às existências (humanas ou não, vez que a lógica da acumulação de capital é a predação absoluta e sem limites) é a de sua transformação em mercadorias. O que significa dizer que, quando a existência não se submete mais à lógica predatória, o que ocorre quase sempre quando de sua exaustão, ela é eliminada

Ó, A. A.

ou descartada, apagada do tempo e do espaço, lançada ao esquecimento e para além das margens da história.

A apropriação que Bauman faz do pensamento de Rosa Luxemburgo (ele mesmo criativo, se o pensarmos como uma contribuição marxista à complexificação de uma das teses mais clássicas e famosas das obras do próprio Marx) o estende.^{XXI} Para ele, a acumulação incessante apontada pela pensadora da “época do capitalismo ascendente e da conquista territorial” teria se transformado ao longo do século XX, atingindo grupos sociais que habitam os próprios países capitalistas centrais. Não há mais hospedeiros apenas nos lugares distantes do globo; eles estão mais próximos, o que aumenta a taxa de acumulação ao mesmo tempo em que instala no seio dos países ricos experiências de pobreza e de risco intensas.

Para dar conta disso Bauman recupera o exemplo das hipotecas subprime, dispositivo de financeirização da economia que instaurou, como nunca antes, a experiência de uma guerra permanente na cena urbana contemporânea. Elas consistiram, diz o autor, num “expediente de fôlego curto, deliberadamente míope, de transformar em devedores indivíduos desprovidos dos requisitos necessários à concessão de um empréstimo”. A eles restava, minuto após minuto, apenas a esperança de que o preço dos imóveis aumentasse num ritmo tal que os juros pagos pelos compradores fossem pagos e o sistema como um todo se sustentasse.

O problema, diz Bauman (citando, aliás, o especulador George Soros, descrito como “brilhante analista econômico e praticante das artes do marketing”), é que o capitalismo se sustenta a partir da sucessão de bolhas, de movimentos artificiais, de experiências que não possuem sustentabilidade. E, a cada esgotamento de uma prática de exploração (de “mais um pasto”), o capitalismo entra em crise e se coloca na obrigação de se reinventar, num balé que tem custos sociais elevados. Novas zonas de exploração são buscadas, para tanto o Estado funcionando como o parceiro mais fiel dos sujeitos do capital e os trabalhadores em geral (e as populações vulnerabilizadas) arcando com os prejuízos e com os custos do processo. Trata-se, enfim, de um sistema que opera de uma forma “moralmente podre” e que, incontável pela sua própria cobiça infinita, tem em si mesmo os seus limites concretos.^{XXII}

As novas zonas, como se pode imaginar, serão exploradas à exaustão, num espalhamento da dor e da exclusão - o que se articula com a acumulação de capital nas mãos de sempre. Até quando isso será possível é uma questão que merece atenção. Cada nova exploração garante ao capitalismo, quando ele é observado numa duração mais ampla do que a do breve instante, “um alívio temporário”, o que não deveria transmitir segurança a nenhum ator social.

Bauman praticava uma sociologia em grande medida tecida por imagens fortes e pregnantes. Na sua análise do capitalismo parasitário, que neste texto vou acompanhando, ele apresenta os protagonistas da acumulação capitalista através de três figuras de impacto. Em primeiro lugar, diz ele, nos tempos pré-modernos, havia a figura do guarda-caça. Este foi substituído, no movimento da modernidade capitalista, pelo jardineiro. Mais proximamente, no nosso tempo líquido, prevalece a mentalidade do caçador. Cada um desses personagens encarna uma forma específica de relação do indivíduo com o capital.

Os caçadores, personagens do contemporâneo, não se preocupam com a preservação do ambiente ao seu redor, ou com a manutenção de um status quo no qual a permanência das coisas garantiria o sentido da realidade. Longe disso, o que se coloca como o razoável nos dias do presente é o empreendimento de uma nova caçada tão logo o resultado da anterior seja consumido.

O capitalismo, para dar forma e corpo ao mundo em que a sensibilidade do caçador pudesse se realizar, criou mecanismos e experiências as mais variadas. Uma delas, que Bauman destaca (e que é objeto de sua apreciação em outros textos) com ênfase, é o cartão de crédito.^{XXIII}

Ó, A. A.

Ao seu ver, e ele se vale da sociologia weberiana para construir seu argumento, se o ethos capitalista tradicional legitimava a contenção em nome do adiamento do prazer, nas situações em que o sujeito não detinha imediatamente as condições para o consumo, tudo isso seria transformado com o advento do cartão de crédito.

A nova tecnologia, lançada na segunda metade do século XX, fez com que ficasse no passado a paciência e o senso de acumulação que, entre outros elementos, foram importantes condições de possibilidade do capitalismo. Agora a ordem das coisas se inverteu, o consumo antecedendo a experiência do dispêndio financeiro: com o cartão de crédito em mãos o indivíduo (o consumidor) “está livre para administrar sua satisfação, para obter as coisas quando *desejar*, não quando *ganhar* o suficiente para obtê-las”.

A face da satisfação imediata da demanda, no entanto, tem um lado avesso – ou, para lembrar Marx através de Mészáros, a dinâmica social que funciona num certo instante se esgarça mediante o influxo de suas próprias contradições.^{XXIV} O depois, ou seja, o tempo inicialmente distante em que a conta deverá ser paga, em algum momento se apresentará e se tornará no presente do consumidor (agora, devedor). E aquele momento, no qual os desejos anteriormente satisfeitos deverão ser pagos, será um instante difícil, inclusive porque a possibilidade de novo consumo será afastada ou, apenas, limitada pela necessidade do uso reiterado do cartão de crédito.

Usando termos caros à psicologia, Bauman descreve essa cena como sendo marcada pela substituição do adiamento da satisfação pelo adiamento da punição. Esta última será um momento de tristeza e de reconhecimento, por parte do sujeito, de seus limites e de sua condição frágil em relação ao capitalismo. No entanto, o cenário pode ficar ainda mais complexo, uma vez que o capitalismo acolherá o devedor com a promessa de um crédito ampliado, o que o tornará ainda mais dependente e submisso ao sistema financeiro. Devendo uma soma qualquer, o indivíduo será exposto à promessa de que tudo correrá bem se, ao invés de saldar sua dívida, ele contrair novas dívidas, o dinheiro não lhe faltando no momento presente (ainda que deva ser ressarcido, na companhia de juros e demais acréscimos, em momento futuro).

Os bancos, principais atores e cenários de tais histórias, recebem seus clientes com sorrisos e braços abertos. O seu principal interesse, diz Bauman, é que seus clientes jamais liquidem completamente as suas dívidas, permanecendo para sempre submissos à lógica do sistema financeiro. O lucro do sistema bancário é conquistado no pagamento dos juros das dívidas, os quais crescem na medida em que os prazos e os volumes do crédito se alongam. “O cliente que paga prontamente o dinheiro que pediu emprestado”, diz Bauman, não sem ironia, “é o pesadelo dos credores”.

Há, pois, mais uma identidade na cena descrita por Bauman: o “devedor ideal”, que consiste naquele que “jamais paga integralmente suas dívidas”. Ele é o oposto do poupador que não tem cartão de crédito, ou do indivíduo que, devendo, deseja saldar antecipadamente o seu débito. Bauman preenche páginas relatando situações em que pessoas endividadas receberam, por parte do sistema financeiro, novos empréstimos, numa espiral sem saída.

O raciocínio sociológico não se satisfaz com a enumeração de trajetórias, por mais interessantes que elas sejam; é preciso, ali, ensaiar uma interpretação, ou seja, a enunciação de algum sentido para tudo quanto se exemplifica. E, quando Bauman encerra seu rol de casos trágicos, ele indica a sua versão para os fatos. Ao seu ver, os bancos conseguiram produzir uma “raça de devedores eternos”, pessoas que se endividam para pagar dívidas - o que acabou por dar ensejo a uma crise do crédito, a qual nasceu apenas e tão somente do sucesso do crédito.

Mais uma vez se valendo de Rosa Luxemburgo, Bauman indica que a transformação de todos em seres endividados, se é uma conquista do e para o capitalismo, é também uma situação

Ó, A. A.

limite para o próprio capitalismo. Ele não poderá se expandir se não houver mais margem de expansão; será necessário inventar uma nova forma de acumulação de capital.

Há um problema na condução da presente crise, entretanto, diz Bauman. Colocar no currículo escolar uma formação que prepare os sujeitos para viver endividados, como já está posto nos EUA, ou fazer do Estado fiador de novas inversões de capital que garantam novas ondas de endividamento (numa atualização permanente do nunca questionado “Estado assistencial para os ricos”), nada disso parece resolver os problemas reais. Afinal, em cada gesto proposto, a maior marca é a ausência do questionamento dos “pressupostos ou estratégias falenciais responsáveis pela crise atual”.

Estamos em sofrimento, diz Bauman, porque nos acostumamos a ver no crédito a solução para os problemas com os quais nos defrontamos a cada dia. Nós nos drogamos com o crédito - e a desintoxicação, por mais complexa e dolorosa que deva ser, precisa ser experimentada. As inversões de capital por parte do Estado, que conseguem momentaneamente acalmar os ânimos, ainda que às custas do empobrecimento dos mais pobres, não são suficientes; são paliativos equivocados. Tais inversões apenas socializam as eventuais perdas dos mais abastados, num gesto que, ao invés de tornar o capitalismo sustentável, sinaliza de forma indubitável para a sua insustentabilidade.

Bauman vai encerrando o seu texto apontando para certa esperança. Ao seu ver, “ainda não chegamos ao ponto de não retorno” e ainda temos tempo (mesmo que pouco) para corrigir o rumo e a rota. Um passo essencial parece ser a desnaturalização da simbiose entre o Estado e o Mercado; outro consiste no abandono da ideia de que a sociedade precisa, necessariamente, ter na sua base uma relação de exploração (antes, exploração dos trabalhadores; agora, dos consumidores). Atravessa o pensamento de Bauman a ideia de que a erótica do ser enfronhada na racionalidade neoliberal é por demais miserável, mesquinha, tacanha, face ao potencial humano.^{XXV}

A esperança de Bauman ecoa, entre outros textos, na produção já referida de Castells, interessado em mapear, em diversos países do mundo, “experiências de inovação na organização do trabalho e da vida”, interessadas na criação de novas formas de existir e produzir. Castells menciona “cooperativas, redes de escambo, atividade bancária ética, moedas comunitárias, bancos de tempo, meios de pagamento alternativos etc.”, tudo isso sendo um rol de “práticas que pavimentaram o caminho para uma economia compartilhada” que, ao seu ver, se encontra “em rápido desenvolvimento em todos os domínios de atividades orientadas para a satisfação das necessidades humanas”. O momento presente, diz ele, é acolhedor para iniciativas que se coloquem como “uma reação à incapacidade das operações econômicas convencionais de fornecer bens, serviços e crédito” no âmbito de uma valorização do humano, para o que contribuem os avanços culturais e técnicos de que dispomos para construir relações sociais menos desumanas.^{XXVI}

O estudo realizado e liderado por Castells a que me refiro aqui parte de uma ideia e a desenvolve, submetendo-a ao crivo da pesquisa empírica, pelo mundo, em busca do que poderíamos nomear, com alguma ironia metodológica, como sendo a prova dos fatos. Assim, ele e sua equipe saíram em busca de experiências que expressassem o seu argumento de base (e encontraram muitos exemplos férteis em si mesmos e no seu papel de práticas exemplares). O seu argumento, nas suas próprias palavras, é o de que:

“(…) práticas econômicas são práticas humanas determinadas por seres humanos que encarnam seus modos de ser e pensar, seus interesses, valores e projetos. Não existe nenhuma lógica metafísica e a-histórica à qual os seres humanos devam se ajustar. Se o fazem, é porque são obrigados a isso ou induzidos à resignação. Quando não o são, eles redefinem os objetivos e os

Ó, A. A.

meios de suas práticas econômicas, assim como fazem em todas as dimensões de suas práticas. Não existe algo como uma economia não humana. Há, sim, uma economia desumana, porque às vezes ela beneficia determinados seres humanos que buscam se apropriar da humanidade como um todo para benefício próprio até que outros seres humanos pensem de modo diferente, ajam de modo diferente e acabem criando formas alternativas de produção, consumo e troca.”^{XXVII}

Ecoando de alguma forma as ideias que tornam possíveis tais palavras, o texto de Bauman parece descrever um desastre civilizatório do qual ninguém sobrevive - mas um desastre que, mesmo já estando em curso, ainda pode ser interrompido.^{XXVIII} Como lembrou Mészáros, temos tarefas à nossa frente, especialmente se construirmos como nosso horizonte de expectativa uma preocupação efetiva com a humanidade.^{XXIX} O nosso foco, aí, será o de construir uma nova sociedade, diversa da que temos no presente em face do rompimento, que o filósofo húngaro preconiza, com a lógica destrutiva do capital, em busca de lógicas de produção e de vida que sejam ao contrário da tanatocracia vigente.

A construção deste novo mundo, diz Mészáros, é ainda mais urgente na medida em que a crise atual do capitalismo (uma “espiral de descontrole”, como diz Harvey^{XXX}) tem uma gravidade inédita, ainda que dialogue e prolongue uma crise estrutural que data, pelo menos, dos anos 1960. O que estamos enfrentando é uma crise dotada de veemência inédita, um movimento disruptivo que coloca em xeque qualquer esperança na capacidade auto regulatória do capitalismo. Mészáros lembra que sempre se levantam vozes em busca de soluções consensuais, ajustes por dentro do sistema; isso acaba apenas por mascarar os reais problemas e por solapar as efetivas soluções que poderiam ser pensadas e experienciadas.

Não se trata apenas da manifestação de uma das crises cíclicas do capitalismo, mas uma circunstância grave, em que se presentifica o esgarçamento dos limites mais extremos do capital – ou seja, para ele parece não haver escapatória a não ser o que ainda pode ser obtido através do incremento da exploração do planeta e das sociedades humanas, o que talvez esteja se aproximando do limite além do qual só há a morte planetária.

A dimensão parasitária do capital, mais que descrita, denunciada por Bauman, assim, assume a forma de um dos suspiros finais de uma dinâmica que se extingue por ter, ela mesma, tentado esgotar o mundo em prol da acumulação de capital em pouquíssimas mãos. Uma situação deste porte leva a respostas que são, elas mesmas, um desafio à parte. E, se uma dessas respostas tem sido a mobilização social em prol da reconquista de direitos e de uma sobrevivência digna de algum modo, outras respostas têm sido buscadas em guerras, em ataques a direitos os mais variados, à proliferação de totalitarismos. Isso nos traz novos desafios, como se pode imaginar.^{XXXI}

O mundo não tem seu destino escrito em pedras, mas em atos humanos. Ainda temos alguma margem de manobra, e nas nossas mãos está a possibilidade de vivermos relações marcadas pelo autocuidado. Estamos na presença da possibilidade de se “abrir uma brecha significativa na ordem estabelecida”; estamos na obrigação de compor “uma mudança fundamental, estrutural”, inclusive porque o capitalismo vive também uma crise de legitimidade, por não poder oferecer mais nenhum suporte social permanente ou efetivamente protetor e seguro (se é que já o fez em algum momento).^{XXXII} Quem sabe, assim, teremos uma “vida boa”, plena e digna, aquela que vem sendo descrita, ao longo do tempo, como o ideal das nossas mais caras utopias.^{XXXIII}

Ó, A. A.

Notas

^I Doutor em História pela UFPE. Professor Associado IV junto à Unidade Acadêmica e ao Programa de Pós-Graduação em História da UFCG.

^{II} Agradeço a generosidade do/a parecerista anônimo/a – que me permitiu retomar o texto e tentar melhorá-lo. As falhas, antigas ou recentes, continuam, no entanto, de minha responsabilidade.

^{III} CEVASCO, Maria Elisa. Prefácio. In. JAMESON, Fredric. **A cultura do dinheiro**. Ensaios sobre a globalização. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 07-16, p. 07.

^{IV} BAUMAN, Zygmunt & MAY, Tim. **Aprendendo a pensar com a sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

^V GENTILI, Pablo. **A falsificação do consenso**. Simulacro e imposição na reforma educacional do neoliberalismo. Petrópolis: Vozes, 1998, cit. p. 10-11.

^{VI} BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário e outros temas contemporâneos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

^{VII} Ler e reler os textos é o “vício incorrigível de todos os marxistas”, na leitura de Norberto Bobbio... Cf. CODATO, Adriano & PERISSINOTTO, Renato. **Marxismo como ciência social**. Petrópolis: Vozes; Curitiba: Editora UFPR, 2020, cit. p. 15.

^{VIII} O capítulo ao qual me refiro vai da página 07 à página 32. No movimento do meu artigo faço citações do referido capítulo sem indicação das páginas, no intuito de evitar uma sobrecarga de notas. Considerando o tamanho do texto em apreciação, creio não haver prejuízo à compreensão do meu argumento.

^{IX} CASTELLS, Manuel. Conclusão. In. _____. (org.) **Outra economia é possível**. Cultura e economia em tempos de crise. Rio de Janeiro: Zahar, 2019, p. 237-248, cit. p. 239. Uma observação: a crise de 2008, à qual Bauman (e tantos outros autores) se refere, foi sucedida em 2020 por um novo colapso econômico, derivado da pandemia da Covid-19. A economia real não foi apenas contagiada pelos limites inerentes à financeirização, mas, além disso, pelas dimensões trágicas de uma doença singular. Igualmente a 2008, entretanto, a crise de 2020 funcionou como um ambiente favorável a diversos questionamentos quanto ao capitalismo e seus limites. Cf. CARVALHO, Laura. **Curto-circuito**. O vírus e a volta do Estado. São Paulo: Todavia, 2020.

^X Uma apreciação que considero (e não apenas eu, é evidente) judiciosa e pertinente acerca da crise à qual me refiro está em: HARVEY, David. **A loucura da razão econômica**. Marx e o capital no século XXI. São Paulo: Boitempo, 2018. Igualmente importante é: MÉSZÁROS, István. **A crise estrutural do capital**. São Paulo: Boitempo, 2011.

^{XI} CASTELLS, Manuel, op. cit., p. 237.

^{XII} Ibid., p. 239.

^{XIII} Cf. BLYTH, Mark. **Austeridade**. A história de uma ideia perigosa. São Paulo: Autonomia Literária, 2017; ROSSI, Pedro. Et alii. (orgs.) **Economia para poucos**. Impactos sociais da austeridade e alternativas para o Brasil. São Paulo: Autonomia Literária, 2018.

^{XIV} CASTELLS, Manuel, op. cit., p. 237-240.

^{XV} CASTELLS, Manuel. Introdução. In. _____. (org.) **Outra economia é possível**. Cultura e economia em tempos de crise. Rio de Janeiro: Zahar, 2019, p. 09-11, cit. p. 09.

^{XVI} Para citar apenas um texto de Harvey, dos inúmeros que ele dedica a tais questões, cf.: HARVEY, David. **A loucura da razão econômica**. Marx e o capital no século XXI. São Paulo: Boitempo, 2018.

^{XVII} Sua interpretação demanda peridizar, ou seja, descrever “o desenvolvimento do capitalismo de forma a possibilitar o reconhecimento de seus diferentes estágios e esclarecer as relações entre um fenômeno particular e uma totalidade em movimento.” CEVASCO, Maria Elisa. Prefácio, p. 07.

^{XVIII} O que parece ser o movimento de grande parte dos intelectuais críticos ao capitalismo; cf. MÉSZÁROS, Istvan. **A crise estrutural do capital**. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 132.

^{XIX} A expressão é de Edmund Phelps, Prêmio Nobel de Economia em 2006 e está referida e criticada em: MÉSZÁROS, Istvan. **A crise estrutural do capital**, p. 129-133.

^{XX} Ainda que de forma apenas lateral, Bauman lembra a todos nós que o capital(ismo) esgota não apenas as classes trabalhadoras, mas, além disso, ele se dedica a destroçar o próprio planeta em busca de mais e mais acumulação. São alertas que devem ser pensados, também, à esquerda – quando esta se deixa seduzir muito rapidamente pela ideia de que os avanços científicos, técnicos e tecnológicos da modernidade capitalista podem ser apropriados pelos trabalhadores de forma mais ou menos direta (ou seja, com maiores ou menores mediações e ponderações), em nome da libertação do homem “do encargo de prover pelo seu próprio esforço direto os meios para seu sustento”. SINGER, Paul. **Curso de introdução à economia política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989, p. 143. Para uma perspectiva crítica quanto a isso, cf. SAITO, Kohei. **O ecossocialismo de Karl Marx**. Capitalismo, natureza e a crítica inacabada à economia política. São Paulo: Boitempo, 2021.

Ó, A. A.

- ^{xxi} A consulta ao pensamento de Rosa Luxemburgo se impõe ao interessado no argumento de Bauman. Como forma de se chegar naquela obra, vale ler, entre outros: FRÖLICH, Paul. **Rosa Luxemburgo. Biografia**. São Paulo: Boitempo: ISKRA, 2019; OUVINA, Hernán. **Rosa Luxemburgo e a reinvenção da política**. São Paulo: Boitempo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2021.
- ^{xxii} MÉSZÁROS, Istvan. **A crise estrutural do capital**, p. 131.
- ^{xxiii} Cf. BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**. A transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- ^{xxiv} MÉSZÁROS, Istvan. **A crise estrutural do capital**, p. 131.
- ^{xxv} Uma das denúncias do apequenamento da vida sob o neoliberalismo está em: CASARA, Rubens. **Contra a miséria neoliberal**. São Paulo: Autonomia Literária, 2021. Também parece útil a leitura de: BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo**. A ascensão da política antidemocrática no ocidente. São Paulo: Editora Filosófica Politéia, 2019.
- ^{xxvi} Ibid, p. 09-10.
- ^{xxvii} Ibid, p. 11.
- ^{xxviii} Uma espécie de agenda para o rompimento com o status quo é encontrada, entre outros exemplos, em: WRIGHT, Erik Olin. **Como ser anticapitalista no século XXI?** São Paulo: Boitempo, 2019.
- ^{xxix} MÉSZÁROS, Istvan. **A crise estrutural do capital**, esp. pp. 135-155.
- ^{xxx} HARVEY, David. **A loucura da razão econômica**, cit. p. 13.
- ^{xxxi} Há tentativas de refeitura do mundo; cf., entre outros: CICCARIELO-MAHER, George. **Construindo a comuna**. Democracia radical na Venezuela. São Paulo: Autonomia Literária, 2020; ROSS, Kristin. **Luxo comunal**. O imaginário político da Comuna de Paris. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.
- ^{xxxii} Ibid., p. 139 e 140.
- ^{xxxiii} E por falar em utopias, vale a leitura de: DARDOT, Pierre & LAVAL, Christian. **Comum**. Ensaio sobre a revolução no século XXI. São Paulo: Boitempo, 2017.

Bibliografia

- BAUMAN, Zygmunt & MAY, Tim. **Aprendendo a pensar com a sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.
- _____. **Capitalismo parasitário e outros temas contemporâneos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.
- _____. **Vida para consumo**. A transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- BLYTH, Mark. **Austeridade**. A história de uma ideia perigosa. São Paulo: Autonomia Literária, 2017.
- BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo**. A ascensão da política antidemocrática no ocidente. São Paulo: Editora Filosófica Politéia, 2019.
- CARVALHO, Laura. **Curto-circuito**. O vírus e a volta do Estado. São Paulo: Todavia, 2020.
- CASARA, Rubens. **Contra a miséria neoliberal**. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.
- CASTELLS, Manuel. Conclusão. In. _____. (org.) **Outra economia é possível**. Cultura e economia em tempos de crise. Rio de Janeiro: Zahar, 2019, p. 237-248.
- _____. Introdução. In. _____. (org.) **Outra economia é possível**. Cultura e economia em tempos de crise. Rio de Janeiro: Zahar, 2019, p. 09-11, cit. p. 09.
- CEVASCO, Maria Elisa. Prefácio. In. JAMESON, Fredric. **A cultura do dinheiro**. Ensaios sobre a globalização. Petrópolis: Vozes, 2001.
- CICCARIELO-MAHER, George. **Construindo a comuna**. Democracia radical na Venezuela. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.
- CODATO, Adriano & PERISSINOTTO, Renato. **Marxismo como ciência social**. Petrópolis: Vozes; Curitiba: Editora UFPR, 2020.
- DARDOT, Pierre & LAVAL, Christian. **Comum**. Ensaio sobre a revolução no século XXI. São Paulo: Boitempo, 2017.
- FRÖLICH, Paul. **Rosa Luxemburgo**. Biografia. São Paulo: Boitempo: ISKRA, 2019.

Ó, A. A.

-
- GENTILI, Pablo. **A falsificação do consenso**. Simulacro e imposição na reforma educacional do neoliberalismo. Petrópolis: Vozes, 1998.
- HARVEY, David. **A loucura da razão econômica**. Marx e o capital no século XXI. São Paulo: Boitempo, 2018.
- MÉSZAROS, István. **A crise estrutural do capital**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- OUVINA, Hernán. **Rosa Luxemburgo e a reinvenção da política**. São Paulo: Boitempo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2021.
- ROSS, Kristin. **Luxo comunal**. O imaginário político da Comuna de Paris. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.
- ROSSI, Pedro. Et alii. (orgs.) **Economia para poucos**. Impactos sociais da austeridade e alternativas para o Brasil. São Paulo: Autonomia Literária, 2018.
- SAITO, Kohei. **O ecossocialismo de Karl Marx**. Capitalismo, natureza e a crítica inacabada à economia política. São Paulo: Boitempo, 2021.
- SINGER, Paul. **Curso de introdução à economia política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- WRI
- GHT, Erik Olin. **Como ser anticapitalista no século XXI?** São Paulo: Boitempo, 2019.